

## Solicitação Concedida

Cuidado, você está acessando arquivos federais de uso privativo. Com a permissão de download e leitura, você afirma conceder à diretoria seus dados do dispositivo utilizado entre outros quaisquer aparelhos que possam estar conectados à rede, bem como outras informações mantidas que possam ser ponderadas como úteis e/ou desejáveis.

O artigo registrado abaixo está de acordo com todas as diretrizes de política da empresa, bem como os termos de uso e operação e processamento. Ademais, todas as opiniões e experimentos abaixo expressas são de total controle e autoria dos profissionais responsáveis durante o exercício da profissão, sendo assim, o profissional está de acordo ao dizer que a empresa não assente com quaisquer opiniões, experimentos e/ou conclusões dadas.

---

## Sussurros ao Vento

Você, em algum momento durante toda a sua vida, já se pegou conversando sozinho? Em um cômodo vazio onde somente o calor do seu corpo esquentava o ar ambiente, em direção à cozinha resmungando palavras que lhe vinham à mente ou no próprio quarto olhando a bagunça e resmungando de modo inconsciente. Querendo ou não, todos nós já nos encontramos em tal situação, onde nossos pensamentos se afloram com a inconstância da solidão e, de tal maneira, eles aumentam até que as palavras se desenrolem da mente até a língua, sendo pronunciadas e sussurradas ao vento.

Com essa ideia em mente e, agora, já familiarizado com o assunto eu lhe faço uma única pergunta: E se, falamos em voz alta por que não estamos realmente sozinhos? E se tivermos uma certeza primitiva de que sempre estamos acompanhados, seja no escuro da noite quando nos encontramos acanhados em nossas camas olhando para o vulto no breu, ou, seja para aquela coisa que sempre lhe chama a atenção. A coisa que você, inconscientemente, consegue sentir atrás da tela do celular ou no seu ponto cego de sua visão, no canto do olho, sempre lá... Parado, te observando.

E se os sussurros que ouvimos não fossem apenas o vento encontrando uma fresta na porta, nas janelas e nas paredes de nossas casas? E se, quando a chuva chega e ouvimos à distância janelas e portas batendo, fossem eles que bateram à nossa porta? As coisas que estão sempre por perto e que sempre interagem de forma indireta com o mundo ao qual estamos, sejam por jamais quererem ser vistas ou quem sabe, talvez, quem já tenha os visto não conseguiu voltar para contar sua história. Essas pessoas são comumente vistas como loucas, lunáticas e doidas quando, na verdade, os pesos de suas almas não suportaram o beijo febril

dos seres solitários à sua frente e acabaram por encontrar refúgio ignorando toda a concepção de realidade que um dia já compreenderam... Se agasalhando sob o tecido do mundo entorpecido, um desdobramento da realidade, ao qual o resto do mundo não consegue compreender e nem sequer conceber a ideia do que os efeitos que tamanha descoberta poderiam causar a uma mente são.

Durante os últimos meses, enquanto esperava por uma resposta da diretoria quanto à aprovação do meu projeto de estudos e a comprovação científica da teoria que poderia mudar minha carreira e o planeta para sempre, me coloquei a formular um nome para os espécimes. Como poderia, eu, buscar um nome em minha mente que pudesse mostrar ao mundo a quebra de realidades? Como eu poderia nomear seres cuja fisionomia, anatomia e capacidade cognitiva são completamente obscuras para mim? Saí por dias e noites absorto em meus pensamentos, falei com mendigos e lunáticos, dos mais variados graus de loucura, que perambulavam pelas ruas. Não poderia ser qualquer nome, não... Não qualquer um. Precisava de um nome que iluminasse meus pensamentos e fizesse-me questionar todo o conhecimento que havia obtido até então e, para minha surpresa, encontrei a resposta durante uma noite, escura e fria, de Março:

*Já estava de noite e, naquele momento, eu caminhava cabisbaixo e já sem esperanças pelas ruas da cidade em direção à minha casa depois de uma longa tarde sem nenhuma ideia surpreendente para nomear os espécimes. Uma frente fria havia atingido toda a região durante a última semana de modo que tive de sair com meu sobretudo preto e meu cachecol xadrez, ambos cobrindo quase todo o meu corpo com exceção dos meus sapatos e meu rosto, o rosto de um velho consternado com marcantes linhas de expressões, cabelos grisalhos e, sob os olhos azuis já sem vida, grandes bolsas flácidas onde se fixavam as arestas metálicas do óculos circular. Ventos furiosos e gélidos contornavam cada esquina e, àquela altura, eu já estava com o nariz vermelho, escorrendo e fungando por onde quer que passasse, o que sem dúvidas chamou-lhe a atenção do vagabundo e o despertou do sono embriagado quando eu estava prestes a contornar as araucárias no final da rua Olmo dos Carmelos.*

*- Precisando de um lenço senhoria? – dirigiu-se a mim. Sua fala grossa e arrastada, vinda em meio aos arbustos quebrava o silêncio que ali havia enquanto sua língua enrolada, seja por anquiloglossia ou por consumo demasiado de álcool, transformava a maior parte das palavras em algo próximo a um dialeto próprio, quase inidentificável.*

*Aproveitando a oportunidade que à minha frente surgira, decidi me debruçar sobre os braços da sorte e ver se conseguia do velho sórdido de roupas esfarrapadas algumas informações ou mesmo um nome sequer. Sua aparência ou fala tão pouco sustentavam a ideia da insanidade de sua mente, porém, fui mais a fundo para ver no que daria.*

- Oh, boa noite. Não vi que estava aí – respondo dando ligeiros passos para trás, nunca se sabe do que os loucos são capazes – Me diga uma coisa caro senhor, por acaso estaria interessado em me ajudar com uma de minhas pesquisas? De fato, creio que o senhor parece pertencer ao público pelo qual procuro nessa região.

- Público? – ele diz cambaleando em meio aos arbustos. Uma garrafa vazia de vidro verde, cor de uma esmeralda escura,

( ...assim como a joia do colar dela)

Era segurada fortemente por sua mão esquerda enquanto a direita, parecia completamente enfaixada até o antebraço por um tecido branco rabiscado por linhas azuis finas e tortas. Seus lábios se moviam dessincronizados, dormentes, no rosto quadrado e escuro – Público? Como assim público? – ele voltou a dizer.

- Ahm... Digo que você, o senhor no caso, parece pertenc-

- Você os trouxe aqui não é? – ele me interrompe apontando um de seus dedos imundos em minha direção enquanto a garrafa balança no ar, ele se aproxima de mim e eu me afasto, novamente – Você os trouxe aqui... Voc-Você trouxe todo mundo aqui pra RIR DE MIM! – ele começa a gritar e arquejar palavras incongruentes batendo com as mãos contra o próprio peito – ONDE ESTÃO EIN? VAMOS, SAIAM!

- Senhor, por favor, se acalme... Não há ninguém aqui, ninguém irá rir de você!

- Calúnia! Aberração! Falsidade... MOTIM! – esbraveja apontando a base da garrafa contra mim. Seu rosto exerce fúria e pânico e, seus olhos, se arregalam em minha direção como um animal selvagem se preparando para o ataque surpresa, se preparando para o bote – Eles te enviaram... Eles gargalham...

- Eles? Quem? Quem está rindo? – pergunto surpreso.

- As vozes... As vozes que ninguém vê... Elas gargalham doutô – a garrafa desliza suave por entre seus dedos lançando-se ao chão gélido e, seu dono, se atira junto a ela, de joelhos ao chão. Os cacos de vidro espalhados pelo asfalto não parecem atrapalha-lo – Elas riem de mim...

- As vozes... – repito em fascínio, admirado. Um choque restaurador percorre em milésimos por meu corpo e vejo toda a esperança reverberando nos músculos cansados, no desanimo e em meu olhar atormentado. Quando me dou conta, estou ao lado do louco moribundo que soluça ajoelhado ao chão com os braços em torno da cabeça.

- Elas... Elas gargalham doutô haha... hahaha – ele tenta controlar o riso, mas um impulso quase mortal sai por entre os lábios tortos e os dedos esqueléticos que tentam, em vão, sufocar as risadas na boca.

- O que? Do que elas gargalham? Do que você ri, ande homem, me diga! – pergunto balançando-o pelos ombros de forma brusca, insaciado pelos desejos da curiosidade e pesquisa.

- Haha... ha elas riem de você doutô... Elas gargalham seu nome: Cópesis hahaha

- C-Como você? Somente eles

(...sabiam)

Sabem meu... Como você sabe meu nome? – minhas sobrancelhas franzem e me afasto dele, perplexo.

- haha... Elas estão aqui doutô... Estão, estão... Estão sim haha – ele olha ao redor, eu o acompanho e nada vejo além de uma vasta floresta de árvores altas e finas cujas folhas das copas se regozijam como um sino em meio ao vento – Elas estão aqui, na minha cabeça... Suas vozes... Suas vozes, elas... Dói hahaha

- Elas... Eles, meus espécimes... Como se chamam? O que você vê? Diga-me!

- Eles odeiam quando diz isso, quando os chamam de seus experimentos doutooooooooor... Ah como eles GRITAM O TEMPO IN-TEI-RO! Na minha cabeça, minha cabeça doutô cabeça cabeça na minha cabeça cabeça cabeça cabehaha haha – ele novamente tenta sufocar as gargalhadas na garganta que soam como grunhidos distantes, risadas abafadas e roucas provenientes de um homem que facilmente enganaria qualquer um se dissesse que pela tarde havia fumado um maço inteiro de cigarros junto da garrafa de álcool quebrada ao chão – hahaha...

- Vamos! Me diga seu velho maltrapilho... Me diga: Como eles se chamam? – Perguntei, tomado pelo ódio, segurando-o pelo colarinho das vestes sujas, levantando-o alguns centímetros do chão com as forças das quais nem sequer possuía conhecimento de suas existências dentro de mim.

- As vozes... As vozes que fazem os pelos de sua nuca se arrepiar com o vento... Os sussurros que lhe fazem olhar para os lados e se certificar de que foi apenas sua imaginação... Os vultos... A sensação de estar sendo observado... A distorção das paredes... Os barulhos de uma casa monótona e vazia... Como? COMO UMA CASA VAZIA PODERIA FAZER BARULHO? Você sobe as escadas, passo por passo, e vê hahaha... Você vê a vadia da sua esposa deitada nos braços de outr-

A voz cala, tomada por uma onda de choque e dor repentina capaz de lhe atordoar e esquentar as bochechas do vagabundo. Suas vestes se agitam no ar e, para mim, parecia ter passado tudo em câmera lenta: A expressão de dor confusa e hipnótica se espalhando pela face com o soco, o impacto, a queda e, por um segundo, pareceu-me que todas as árvores ao redor da estrada estavam-me fazendo reverência em uma grande euforia, suas folhas soavam como aplausos em grande

*vibração e, quando me dei conta, me vi com a sola do sapato escuro pressionando o rosto do maldito contra o chão de terra e capim abaixo de mim.*

*- Quais são os nomes deles? – sibilei palavra por palavra, vagarosamente.*

*- Haha... Então você sobe as escadas... Hahaha Você... Você sobe e, no topo, você olha para os lados: Ninguém. Você olha para trás e... Ninguém está lá. Sempre... haha Os ninguéns hahaha... Sempre...*

*Uma nova onda de choque se espalha pelo rosto e ele, pela segunda vez, se cala, desacordado, enquanto sangue escorre de seu nariz até o solo, passando pelas folhas do capim e penetrando nas rachaduras do solo frio, tomado pela luz acinzentada do luar. Sob o céu de estrelas e o brilho prateado, me recompus ajeitando meu sobretudo e o cachecol xadrez, tomando caminho pela rua Olmo dos Carmelos com o nariz ainda fungando e acompanhado de mais Ninguéns.'*

Agora, já está de noite. Abro os olhos em direção ao teto de meu quarto e tudo permanece parado e monótono, a escuridão toma conta do ar e sinto-me como se não os tivesse aberto. Os móveis amadeirados são completamente envolvidos em penumbra e silêncio, onde nem mesmo o canto dos grilos e animais encontra refúgio pelas soleiras das janelas e portas. Embora tarde, sinto-me dominado por um torpor de êxtase e adrenalina sem precedentes, mal posso esperar pelo dia seguinte onde meu colega de quarto, colega de casa suponho ser mais apropriado, e também aprendiz, juntos, nós dois poderemos dar início aos estudos e pesquisas a procura dos Ninguéns e sermos os primeiros a conquistarem tal descoberta.

Durante meu tempo acordado sobre a cama pude ouvir ao longo da noite diversos estalidos e rangidos pelas tábuas de madeira da velha casa, sons que perambulavam pelo casarão e que só podiam ser, pensava eu, meus futuros espécimes. Embora são e baseando-me em raciocínios puramente lógicos, não podia deixar de imaginá-los e, nesses momentos, em que estava sozinho com os barulhos das tábuas velhas encontrando meus ouvidos no silêncio da noite, sentia todo meu corpo se arrepiar e tremer, minhas mãos ficavam gélidas e meu coração disparava em desamparo com os pensamentos que me afligiam. O medo se aprofundava em minhas entranhas, criando raízes profundas e primitivas das quais não conseguia evitar, e ele aumentava mais e mais ao passo em que a madeira velha de olmo se envergava com os passos de Ninguém. Se aproximando, esgueirando-se por entre as paredes dos corredores. Rangido atrás de rangido, seus sons tomavam forma no corredor até a porta de meu quarto.

Pude vê-lo, da cama, ao lado do portal de madeira que havia deixado aberta. Aproximou-se devagar, apenas um vulto em meio ao escuro passando o que parecia ser sua cabeça através da porta, movimentando-se lentamente através da abertura e deslizando seu braço longo e fino, quase esquelético, pelas molduras de

madeira. Sentia-me trancafiado dentro de mim mesmo, as palavras de horror e fúria exacerbadas travavam em minha garganta e se diluíam ao medo até que deixassem de existir, meus membros permaneciam parados por mais que forçasse contra a dormência de meu próprio corpo. Sequer sabia distinguir a realidade ao meu redor, se tudo isso não passasse de um sonho ou uma paralisia do medo, naquele momento, eu não saberia dizer. Apenas permaneci estático enquanto a sombra se arrastava em minha direção passo a passo, tentei com todas as minhas forças lutar contra a necessidade de piscar os olhos, não me atrevia a sequer perder a silhueta de vista, quer fosse pelo medo ou talvez pelo misto de entusiasmo científico que adquiri ao longo dos anos.

Ele aproximou-se e, em um instante, senti o colchão sendo pressionado para baixo ao lado de meus tornozelos, o lençol e os cobertores afundaram junto a ele pressionando os pelos arrepiados de minhas pernas. Suas mãos longas e frias arrastaram a ponta de seus dedos febris pela minha coxa em movimentos suaves até meu peito, meu corpo se contraía em grande rigidez com a silhueta obscura enquanto minha testa e roupas eram encharcadas pelos rios de suor frio que transcorriam pelos meus poros. Ele se abaixou, com grande pesar sobre meu corpo, e projetou seu rosto ao lado do meu, seu hálito úmido e frio adentrava em minhas narinas enquanto sua respiração pesada recaía sobre meus ouvidos. Sentia-me o mais amaldiçoado dentre os homens da Terra, ser morto e explorado pelo espécime ao qual estudaria no dia seguinte sem nenhuma chance de escapatória era uma terrível desgraça. O medo não me protegia, tornava-me um ser em cativeiro e fazia com que me sentisse como um prisioneiro de uma ilha asiática e solitária a qual sofreria o pior dos maremotos em poucos instantes, sem nenhuma chance de fuga ou refúgio, sem nenhuma chance de evita-la, sem poder sair do lugar. Estava preso, fadado à morte.

Fora, então, que a silhueta falou, sibilou-me seus sussurros secretos em meus ouvidos no silêncio da noite. Meus olhos se arregalaram, espantados, e, motivado pelo medo e adrenalina descarregadas em mim de uma só vez em um turbilhão, cerrei meus punhos, dominado pelo horror. Aquele foi seu primeiro e último sussurro.

- - -

enquanto ainda encontrava-me na cozinha do primeiro andar tomando café-da-manhã que ouvi, ao longe, a campainha tocar. Ao atender a porta, vi o olhar franco de meu amigo do outro lado, carregava em uma das mãos as bagagens do aeroporto e, na outra, um saudoso cumprimento aguardava-me.

Recebi-o com grande empolgação embora não fosse surpresa, seu retorno estava marcado para a data de hoje. Mesmo entristecido ele assentiu quando clamei seus auxílios na nova pesquisa que daria início essa semana. Ajudei-o com as malas e as levei para o salão, onde o convidei para me fazer companhia em um café que havia preparado mais cedo e, depois de relutante em dizer que estava enjoado pelo fuso horário, ele acabou concordando.

- Confie em mim quando digo rapaz: Uma boa dose de café reforçado pela manhã não faz mal a ninguém – disse conduzindo-o até a cozinha, mesmo ele já conhecendo a casa – Muito pelo contrário.

- Uma dose tudo bem, mas olhe para você – ele disse apontando em minha direção – Café não lhe faz bem, parece que virou a noite em claro senhor.

- Ah! Sabe como é, não consegui controlar a empolgação do começo de um novo estudo.

- Não, não, não! Sem açúcar, por favor – exclamou quando estava prestes a adoçar-lhe o café.

- Claro, como desejar – voltei o bule para o centro do balcão, entre nós dois, e empurrei gentilmente a xícara de café sobre o pires para Ezra.

- Um café forte e amargo, perfeito para acordar até o mais sonolento dos homens após quase quinze horas de viagem.

- Ida e volta?

- Não senhor, são quinze horas de ida e mais quinze para voltar de Israel. Realmente geografia não é seu forte – ele disse com risadas calmas e um olhar pesado sob as pálpebras.

- Haha Certamente que não, seria melhor – eu disse dando a volta no balcão e colocando uma de minhas mãos sobre o ombro de Ezra – concentrar meus esforços em um forte café para um bom amigo.

Com os olhos semicerrados ele sorriu, gentil, para mim e colocou a xícara com o pires sobre o balcão, já vazia e sem café. Ele se levantou da cadeira olhando para mim e seus lábios se abriram, esperei que ele fosse dizer algo, mas o que se sucedeu foi um longo e pesado bocejo. Inspirando e exalando ar de seus pulmões.

- Bom... Agradeço pelo café e, me desculpe a compostura, mas eu realmente preciso de uma boa tarde de sono – disse Ezra – Se importa se... – ele apontou para cima, para os quartos do andar de cima.

- Claro que não, fique a vontade. Prepararei os utensílios e equipamentos para a noite, assim que acordar daremos início aos experimentos.

- Ótimo, que assim fique combinado então.

Assenti com a cabeça olhando em sua direção, ele afastou-se lento e cansado pela cozinha enquanto bocejava novamente. Ao passar pela porta que dava para o salão, ele parou de repente e virou-se em minha direção. Senti um nó na garganta e um calafrio incontrolável subindo pelo meu corpo em prenúncio à pergunta inquisidora.

- Não se preocupe, eu guardo as malas mais tarde.

- Ah! Haha Tudo bem – suspirei em alívio e as risadas que vieram junto a ela – Não se importe com isso, eu mesmo as guardo para você.

- Não se dê ao trabalho...

- Está tudo bem, não é nada demais.

- Bom, tudo bem então... E, mais uma coisa – ele diz friamente – Onde está Aurora?

- Aurora... Eu... Também não sei, faz tempo desde que não a vejo.

- Você viu se ela saiu por aí? Ontem à noite talvez...

- Não, não vi... Ela não lhe escreveu? Você não a contou que voltaria hoje?

- Conteí, mas... Enfim, de qualquer forma – ele deu de ombros e virou-se para o salão, ficando de perfil para mim, ainda ao balcão, terminando meu café – Se você a ver, diga que eu tenho uma coisa para ela.

- Tudo bem, eu digo – respondi. Ele inclinou a cabeça, deu um sorriso largo com grandes covinhas em suas bochechas, deu dois tapinhas no próprio bolso da calça e caminhou até as escadas do salão, subindo-as. As tábuas entortaram e rangeram, olhei para o balcão à minha frente e notei a xícara com café tremendo em minha mão.

Levei a xícara ao balcão e levantei de minha cadeira, aflito. Senti um mal estar se desenrolando pelo meu corpo, consumindo-me desde a base até afundar-se em um nó na garganta enquanto meus músculos se contorciam e reverberavam. Olhei sobre o balcão, procurando uma visão de alguma coisa que pudesse me agradar aos olhos mesmo que minimamente. O balcão de granito se estendia, largo,

à minha frente, no centro dele estava um prato branco de porcelana cujas fatias retangulares de torrada chamuscadas e cobertas por uma leve camada de manteiga se dispunham em uma fileira inclinada como peças de dominó caídas, dois potes de vidro com geleia de ameixa e morango, que estavam ao lado do bule claro, porém, encardido no gargalo pelo café, tinham as tampas abertas e caídas ao balcão com pequenas gotas dos líquidos violeta e avermelhado espalhados em meio as rasas e poucas gotas de um café amargo. Ao lado delas, as xícaras, uma vazia e a outra meio cheia, ainda exalando vapor acima dos detalhes dourados em porcelana. A visão nada me agradava, sentia-me mal e todo o café da manhã parecia subir em meio à bile pela minha garganta, buscando uma saída, um refúgio, em um estado amedrontador e caótico como se já soubessem as próximas agouras palavras de meu amigo.

- Aaargh! O que raios aconteceu aqui!? – ele exclamou com as tábuas voltando a ressoar seus passos em direção ao salão, saí da cozinha retomando a compostura e encontrei-o parado, ao pé da escada, com a mão cobrindo o nariz e parte do rosto – Oh, Cópesis

*(Cópesis... Já não me soa familiar pela segunda vez?)*

Caro amigo... Sei que possui grande zelo quanto à higiene de sua casa, mas por Deus! Que maldito cheiro é esse!?

- Ah! Ezra, caro amigo, perdoe-me por isso. Eu deveria tê-lo avisado... Bom, eu... – estremei... Eu, eu o que? O que faria, o que falaria e se ele descobrisse? E se decidisse averiguar? Meu coração rebimbou em claustrofobia contra o peito em um ritmo frenético e agonizante. Seria, eu, capaz de mentir para a pessoa mais próxima de um amigo que já tive? Seria, eu, capaz de contar-lhe a verdade

*(sobre ela...)*

Sobre eles? Tais pensamentos atravessaram como um raio pela minha mente e, assim como um trem, estremei todo o caminho pelo qual passou até que por fim meus lábios, apertados e pálidos, se abriram em uma voz baixa – Eu iria te contar... São... São eles...

- Eles? Do que você está falando? Eles quem?

- Eles... Os Ninguéns, os seres cujos quais nós iríamos estudar e, se tudo der certo, catalogar hoje à noite.

- O que? Cópesis... Aquele cheiro é... É forte, repulsivo, é insuportável... – ele respirou fundo após finalmente retirar as mãos que cobriam seu rosto e lançou-me um olhar como se para um lunático, naqueles longos minutos tortuosos senti-me como os velhos bêbados e os mendigos das sarjetas com os quais conversei nos últimos meses – Veja bem doutor, ainda que eu admire o seu trabalho e, quando

digo isso, quero dizer que eu realmente admiro muito o seu trabalho, sabe... Mas, esse seu novo projeto... Sobre seres translúcidos, invisíveis, que ninguém sabe de sua existência... Por mais que eu tenha trabalhado com você durante longos anos, como um amigo de profissão e sendo educado, eu já não sei mais se você está sobre total domínio de suas faculdades mentais, doutor.

- Entendo, entendo bem o que quer dizer... – disse cabisbaixo, agora, um sorriso estreito surgia em meus lábios com uma sequência de risadas mal contidas em tom de sussurro – Você conhece as histórias de Copérnico e Galileu Galilei não é mesmo?

- Mas é claro que sim, e como não poderia?

- Pois bem, eles, como você bem sabe, defendiam a ideia do heliocentrismo e eram vistos como loucos, lunáticos, idiotas e hereges. Hoje, séculos depois... – exclamei aumentando gradativamente a voz – você vem a minha casa, como meu aprendiz, e também me chama de louco? Depois de tudo que te fiz? Que te ensinei ao longo dos anos?

- Entenda bem, senhor, não foi bem isso que eu quis diz-

- Não! – interrompi – A história errou muitas vezes garoto. Desfaça suas malas enquanto preparo meus instrumentos, sua incompetência, às vezes, me causa nojo... Deveria se envergonhar.

Saí do grande salão com um grande pesar e um forte aperto no peito, jamais esperaria algo tão medíocre de meu único aprendiz. A pessoa com quem me dispus a gastar de meu tempo e conhecimento para trilhar um futuro brilhante em sua vida, fazendo-o ser como eu. Adquirir os conhecimentos e aprendizados que também havia herdado de terceiros. Nunca imaginaria que Ezra podia ir contra tudo que um dia já lhe ensinara, ir contra a ciência e negligenciar um estudo antes mesmo que houvesse um resultado. Sentira minha honra e inteligência sendo fatalmente feridas e não pude controlar toda a raiva que brotava por entre cada vaso sanguíneo e me possuía naquele momento.

À medida que me distanciava de meu aprendiz, notei que o mesmo se sentia também enfurecido, seu rosto aquilino deixava transcorrer por entre suas feições o mal enraivecido difundindo suas raízes nas sobancelhas franzidas, nos lábios apertados e nas veias proeminentes. Com atitude voraz e hostil, ele atravessou o pequeno hall da velha casa em passos rápidos e pesados e se dispôs a desfazer as malas. Não me importei em onde ele colocaria seus itens ou muito menos onde pensaria em dormir durante a tarde até que a noite recaísse sobre as extensas cadeias montanhosas de araucárias e florestas tropicais e nós pudéssemos, enfim, dar início ao nosso trabalho e pesquisa, vulgo “*loucura*” segundo meu próprio aprendiz. Lágrimas e maldições, sinto-me traído e desnortado.

Saí em direção à cozinha, onde passei a guardar e organizar as comidas do café da manhã. Primeiro, conservando as torradas e os potes de geleia embora tivesse tido de jogar um pouco da de morango fora após um mosquito ter pousado sobre ela, ficado preso e morrido enquanto a droga do Ezra dizia o que e como deveria fazer minhas pesquisas, como se por algum diabo ele tivesse um diploma e doutorado ou mesmo um nível profissional e científico maior do que o meu. Agindo com tal arrogância, desconsiderando meus conselhos e ensinamentos, estava claro para mim que se continuar assim jamais conseguirá nenhum reconhecimento ou notoriedade. Assim que terminei de lavar os pires e xícaras, passei a limpar o balcão e os resquícios de geleia, café e migalhas de torradas esparramadas sobre o granito que, por algum motivo inidentificável, me causaram desconforto e angústia mais cedo.

Sequei as mãos e fui para os fundos da cozinha, onde um corredor velho e silencioso se esgueirava à esquerda lado a lado com a última parede dos fundos da casa. Um corredor sem saída, coberto por tábuas envolvidas em verniz amarronzado-escuro que provavelmente já estava ali há pelo menos incontáveis décadas, cuja única porta era uma à esquerda que dava para uma escada em direção ao porão. Abri a porta com um rangido ruidoso e apertei o interruptor no alto, a lâmpada no meio da escada se acendeu revelando um lance de degraus de madeira encardida e mofada em direção ao breu do porão sem janelas ou ventilação. Fechei a porta atrás de mim e desci a escada como outras tantas vezes o fiz, acendi um segundo interruptor no pé da escada e todo o porão se clareou em fracas luzes amareladas. Ele possuía um pé direito de cerca de um metro e meio e se estendia por baixo de toda a casa embora estivesse quase que completamente abarrotado de caixas velhas, livros, maquinários, instrumentos científicos entre outros tantos itens que provavelmente nem teria conhecimento de sua existência e, mesmo que tivesse de contorná-los e me esgueirar sob as sedes e fios condutores de energia, não os dei importância, como sempre, e continuei andando até os fundos onde, de certo, estariam os materiais de que precisava e no lugar onde havia os deixado.

Sobre a bancada do armário de metal, encontrei os meus inúmeros materiais em suas posições, ao lado de uma pia que já não era usada por ficar em um lugar tão ruim como o porão, mas naquele momento sua posição aparentemente seria de bom proveito. Eu não estava em um dia bom e ele ainda me atormentaria cada vez mais com o passar do tempo até o exato segundo em que escrevo estas linhas. Ao aproximar-me da bancada e acender uma luz especial forte o suficiente para que enxergasse as impurezas de meus instrumentos, notei que minhas ferramentas, assim como todo o balcão, estavam cheios de respingos e majoritariamente tomados por um líquido vermelho

*(dela...)*

que, por mais que estivesse um pouco seco, havia escorrido e vazado por entre as frestas do armário, sujando e manchando tudo que havia debaixo da bancada, além do piso de cimento do porão por onde escorrera o líquido desde a bancada, passando pelo metal das portinholas e pingando ao chão. Tudo estava em completa imundície, olhei para cima, ao redor e nas paredes a procura da origem do líquido que havia aparecido ali tão de repente e não havia nada. Nenhum rastro ou vestígio que poderia solucionar a forma como aquele líquido rubro-vermelho tinha surgido. De forma aparente, ninguém havia colocado o líquido ali, ninguém estava ali e, quando tais palavras passaram pela minha mente, senti um calafrio subir pela minha espinha e meu corpo se consumiu em um calor próprio incendiado pela adrenalina e medo ininterrupto. Por um segundo, por mais que não houvesse passagem de ar ou ventilação, senti um sussurro em meus ouvidos fazendo minhas orelhas se levantarem, inconscientes, e meus pelos se arrepiarem, quando, por fim, tomei coragem e virei-me para trás lançando um olhar por todo o porão, não havia nada senão caixas empoeiradas e sucata estocada.

Passei o que me pareceram horas e horas retirando os itens de dentro dos armários, lavando a minha bancada e cada um dos itens que nela estava, bem como os respingos de líquido das paredes e do chão, mas ainda assim não me parecia limpo. Algo me incomodava e a imagem dos meus aparatos de trabalho banhados em líquido vermelho gosmento ainda permanecia em minha mente como uma chama ardente que se recusava a apagar e, somente me senti bem outra vez, quando esterilizei toda minha área de trabalho com soluções químicas e álcool. Passei um pano embebido em desinfetante no chão e na parede para acabar com o mau cheiro e quando, finalmente, tudo parecia limpo e os materiais estavam esterilizados, dividi-os em dois grupos e os coloquei em duas maletas de inox prata, um grupo em cada.

- Ezra! – exclamei – Venha me ajudar com as maletas!

Esperei por alguns instantes escutar seus passos pela cozinha acima de mim até os degraus na escada para que a figura carrancuda e mal humorada ajudasse-me levando ambas as maletas enquanto, eu, mostraria-no o local apropriado para que as deixassem.

- EZRRAAA! – gritei – Onde está você?! EZRRAAA!

Por mais alguns minutos esperei que o paspalho, provavelmente dormindo, descesse as escadas velhas que rangeriam com seu peso, mas nenhum rangido ou barulho ouvi. Decidi levar as maletas eu mesmo, pois, melhor levar e posiciona-las em local adequado do que entrega-las às mãos de um ignóbil que transgride o conhecimento científico e ousa negligenciar um de meus estudos. Segurei com firmeza as alças das maletas grandes e pesadas e comecei a sair do porão, ciente de que as ferramentas não se deteriorariam dentro da caixa já que o interior da

mesma fora feita sob medida de acordo com as especificações de cada ferramenta armazenada.

Atravessei a porta no alto das escadas, desliguei a luz e vi a escuridão tomar conta dos degraus de madeira enquanto fechava, com dificuldade, a porta com um rangido estrondoso em meio ao silêncio que ali havia. Caminhei passando pela cozinha e, quando atravessei a porta que dava para o salão, encontrei Ezra, acordado e bem, sentado em uma poltrona olhando para mim com um sorriso sádico, sínico e muito mais furioso do que antes. Sua perna direita estava cruzada sobre a outra enquanto ele degustava de uma xícara de chá em minha poltrona preferida, no centro da sala, com as escadas que levam para o segundo andar logo atrás dele. Seu sorriso, sua posição e negligência quanto ao meu chamado fizeram a raiva subir pela minha cabeça de uma forma incontrolável e, sem que pensasse, larguei as malas para que caíssem ao chão e andei contra Ezra com o dedo indicador apontado em sua direção, protestando.

- O que você está fazendo na MINHA POLTRONA? – exclamei – Você não me ouviu chamando-o? Por que não apareceu?

- Boa noite para você também Anthony. Veja – ele aponta para a porta da casa aberta, no hall, e ao lugar escuro e silencioso lá fora – já é noite. Aceita uma xícara de chá?

- A porta aberta... É noite e você deixa a porta aberta? – corri em direção ao hall para fechá-la e prossegui, voltando para meu amigo, após fechar e trancar a porta – Mas por mil diabos o que deu em você hoje? Seja racional por pelo menos um segundo homem!

- Racional? Você me pede para ser racional? – uma risada incontida escapa por entre seus lábios e sinto-me insultado – Oh doutor... Logo hoje que iríamos caçar fantasmas? Como é mesmo o nome dos seus amiguinhos? Ah, é! Ninguém sabe hahaha – começou a gargalhar e, novamente insultado, não conseguira dizer se fora uma risada forçada ou se ele realmente havia visto algo de engraçado em tudo isso.

- Ezra! Pelo amor de Deus o que deu em você! Você vem à minha casa ajudar-me com meu trabalho, me insulta, fere para com a minha honra e reputação, negligência meus trabalhos e, ainda por cima, se recusa a cumprir com a sua obrigação? – vociferei, já incapaz de manter a calma – Vá! Vá embora daqui! Saia da minha casa!

- Não... Não enquanto não tiver Aurora, não enquanto ela não voltar.

- O que? Como ousa seu insolente... Que fique lá fora e, lá, a espere, na sarjeta da casa do cientista ao qual um dia já confiou em você!

- É mesmo? Pois eu um dia já confiei em você também... – Ele se levantou da poltrona, vindo em minha direção – mas NÃO MAIS! – ele gritou, arremessando a xícara de porcelana contra o chão, quebrando-a em diversos cacos e fragmentos – Eu sei onde Aurora está, não minta para mim! Não diga que não a viu doutor Anthony Cópes-

Um barulho alto e claro se dispersou pelo ar e, pela primeira vez naquela noite dentro do salão, não fora palavras, mas um barulho que eu já havia escutado antes. Senti meu corpo se incendiar em ódio e raiva mortal até que por fim uma dor ardente tomou forma em minha mão poucos instantes após socar Ezra, meu ex-amigo e também ex-aprendiz.

Ele deu três passos cambaleantes para trás, em completa surpresa e dor. Suas mãos haviam se erguido à altura do nariz, uma cena que já não fazia muito tempo desde que havia a visto, porém, agora, tentando em vão segurar o sangue que escorria pelo seu nariz, que por certo estaria quebrado. Rapidamente, corri em sua direção com uma agilidade, força e habilidade somente motivados pelo medo e a raiva e, com elas, desferi um chute com a ponta da bota contra suas partes íntimas que o fez juntar os joelhos ao chão com as mãos ensanguentadas sobre a calça jeans, segurando a virilha como se isso, de alguma forma, o ajudasse com a dor.

Seu rosto estava contraído em uma expressão completa de sofrimento. O sangue escorria em filetes grossos e contínuos ao redor de sua boca, escorrendo pelo queixo e pela barba escura até que se perdesse no peito em meio à camisa social branca. Seus olhos, tomados de lágrimas, indica que certamente fora o inteligente da turma quando criança, nunca brigara, não sabe o que é lutar e muito menos o que é dor. Levantei meu pé direito o mais alto que pude e chutei-o na cara, que estava na altura de minha cintura após ter se ajoelhado. Dói-me muito ver que tenhamos chegado a esse ponto, mas, já a essa altura, me dói ainda mais ter de sujar minha bota branca emborrachada com o sangue deste infeliz que agora cai para trás, de costas contra o chão, se contorcendo em angústia e aflição.

- Sabe... Nada contra. Você era um ótimo aprendiz e realmente aprendia muito rápido quando pequeno, você era como um filho para mim... Agora, é bom eu pensar em quais serão as últimas palavras que você ouvirá... Deixe-me ver... – eu disse enquanto me afastava, recolhendo o maior e mais afiado caco de porcelana do chão, onde a xícara havia se quebrado – Eu poderia cortar um de seus pulsos, recriar uma cena de suicídio, talvez...

Olhei para ele, dessa vez, com um sorriso sádico no rosto. Fico feliz que tenha herdado traços de minha personalidade, porém, eu fui o último a rir e a rir melhor. Ezra se virou de bruços, forçando seu corpo a permanecer de quatro, apoiando-se nos joelhos e nos antebraços.

- Vai... À merda... Cofgh! – ele disse até que sua última palavra fosse abafada pela falta de ar e o sangue escorrendo pela sua garganta e, logo em seguida, perdendo suas forças e caindo contra o chão de madeira, ficando deitado de bruços e sem forças.

- Pensando bem... Não preciso me dar ao trabalho por alguém que nem se quer reconhece o trabalho de seu instrutor...

Aproximei-me de Ezra, por trás, com o caco triangular de porcelana empalmado em minha mão direita, com suas costas entre minhas pernas abertas eu agachei-me acima dele. Conseguia sentir sua respiração lenta e pesada abaixo de mim, inspirando e expirando pela boca com grande dificuldade. Agarrei seus cabelos em minha mão livre puxando-os para trás até que pudesse ver seus olhos e, como imaginei, estavam tomados por um completo assombro e horror. Uma sensação doce e agradável tomou conta de mim, senti-me regozijar e meu corpo ficar excitado com seu medo e submissão até que, enfim, sua garganta fosse rasgada pela porcelana barata, agora, vermelha e seus olhos amedrontados fossem sendo lentamente convertidos em pupilas mórbidas.

Saí de cima de suas costas e me recompus, não demorou muito para que soubesse o que fazer com seu corpo. Segurei a gola de sua camisa com ambas as mãos e passei a puxá-lo escada acima até o segundo andar, os degraus exclamaram e se entortaram com o peso morto sendo arrastado e, já na metade, vi uma pequena caixinha preta de veludo vislumbrar de seu bolso esquerdo, caindo pelos degraus até que se abrisse no último dos baques contra a madeira da escada e surgisse, de dentro dela, dois anéis dourados que bateram e rolaram pelo chão do salão até que se perdessem de vista. Surpreso com o acontecimento, mantive-me alguns instantes parado até que recuperasse o fôlego e alcançasse os corredores de madeira do segundo andar onde, por mais difícil que fosse, ignorei, ainda que não por completo, o mau cheiro que impregnava todo o local. À medida que caminhava com passos lentos e pesados, o odor repugnante e agouro ficava cada vez mais forte e intenso.

Por fim, abri uma porta em um dos corredores e, com a última de minhas forças, lancei o corpo ensanguentado de Ezra contra a sala fechada e fétida à minha frente. O quarto estava escuro e somente era iluminado pela lâmpada do corredor ao qual estava, fui fechando, aos poucos, a porta e, quando restava apenas uma fresta, olhei novamente e fiquei a admirar as salgadas gotas de sangue de um vermelho-rubro de Ezra misturadas em meio às suas lágrimas escorrendo pelo seu pescoço e rosto até que pingassem e se aninhassem ao corpo pálido de sua amada cujo rosto bonito e memorável, agora dava lugar as larvas esbranquiçadas e aos mosquitos que esvoaçavam ao redor da carcaça com o som de bater de asas desde a última noite. Doravante, ambos, larvas e moscas, poderiam se regozijar do pútrido amor consumado entre os dois, pensei em voz alta e Ninguém escutou.

Olhei ao redor em direção aos corredores, como se para me certificar de que fora apenas da o vento sibilando por entre as frestas casa e fechei a porta uma última vez, cuidadoso, entregando os cadáveres a mais absorta escuridão.